

A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PRIMEIRO CENÁRIO REGULADOR DAS RELAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA¹

Letícia Pieri Pacheco

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal demonstrar a relação entre a educação infantil o processo de apropriação da cultura local no desenvolvimento da criança. A pesquisa partiu de inquietações acerca dos impactos sociais ocasionados pela interdição do Núcleo de Educação Infantil de uma comunidade de pescadores na ilha de Florianópolis em 2017. Desenvolvida através de entrevistas de caráter qualitativo a pesquisa faz um resgate histórico sobre a origem e a evolução da educação infantil no Brasil, a educação infantil como espaço de acesso e convívio com o meio social e o conceito de cultura e sua relação com a escola. A partir da análise dos resultados foi identificada a importância de espaços de educação infantil voltados para a preservação da cultura local estabelecendo vínculos com os conteúdos curriculares mediante a apropriação de sua identidade consolidando a história de cada comunidade na formação plena da criança.

Palavras-chave: Chave: Educação Infantil, Cultura, Criança

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil vem chamando atenção dos pesquisadores e estudiosos devido a sua ampla influência na formação e transformação da criança enquanto ser social. Através da mediação da escola as relações sociais e a cultura são qualificadas e potencializadas ou diluídas e até excluídas da rotina escolar.

Se antigamente as crianças podiam ficar com parentes e vizinhos, hoje precisam estar em espaços coletivos por períodos cada vez mais longos e com isso a escola tem encontrado desafios para atender as especificidades de cada

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob orientação da professora ROSANI CASANOVA JUNCKES, no segundo semestre de 2019.



uma compreendendo os indicadores da educação infantil enquanto tempo de desenvolvimento do ser social.

O espaço escolar caracteriza o ambiente coletivo onde a criança se desprende da família para apropriar-se das regras e condutas sociais. Mas antes a criança vem de um espaço privado e encontra na família seu primeiro modelo de sistema social. Ela incorpora as figuras dos familiares e suas relações para reproduzir os comportamentos que acessa.

Ao estender esse contato ao ambiente escolar, mesmo que ainda não tenha absorvido completamente os exemplos de suas famílias, ela começa a estabelecer novas formas de relacionar-se, de resolver conflitos e especialmente lidar com novos sentimentos. São conceitos que passam a ser incorporados ou questionados por meio da experiência prática que eleva a consciência da criança a uma maturação social. Ela passa a decodificar relações e linguagens num nível coletivo mais amplo que a sua unidade familiar.

Com o objetivo de diagnosticar o trabalho do Núcleo de Educação Infantil e sua relação com a comunidade do Pântano do Sul até 2017 a presente pesquisa buscou compreender como a cultura local encontrava espaço de preservação na prática pedagógica da escola.

Analisando como a escola e comunidade se relacionam na formação das crianças de uma comunidade tradicional diagnosticou-se a cultura local como mediador da convivência escolaXcriança através de saídas de estudos acompanhando as atividades anuais da comunidade. Fossem lanços de tainha de meados de junho, as atividades físicas nas dunas e na praia no veranico de maio, as danças do boi-de-mamão ou as oficinas de brinquedos tradicionais a educação infantil permitiu ao NEI Pântano costurar as memórias dos antigos na formação dos mais novos.

Na construção de uma prática pedagógica voltada para a valorização dos saberes populares de sua comunidade a escola de educação infantil teve ferramentas para aproximar os conteúdos curriculares do interesse da criança numa esfera de intimidade e familiaridade. É por meio de ações cotidianas que



a escola abriu espaço para a cultura local e enriqueceu a relação das crianças com suas famílias e seus costumes.

Afim de promover a análise daqueles que tiveram algum vínculo com o núcleo de educação infantil a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa qualitativa foi a realização de 12 entrevistas com pessoas da comunidade escolar, sejam ex profissionais da escola, ex alunos e seus familiares. Entrevistas estas que revelaram a semelhança da afetividade entre todos ao recordar os trabalhos do NEI Pântano ao longo de seus 31 anos de história.

Tambem fez parte da metodologia de pesquisa a análise dos registros fotográficos do acervo da escola comprovando como a prática pedagógica discorria em meio a muito movimento e alegria. Demonstrando que o envolvimento dos profissionais traz desenvolvimento para as crianças enriquecendo a rotina escolar com cultura.

Assim percorremos pelos conceitos de educação infantil, cultura e a relação entre ambas no desenvolvimento da identidade social da criança identificando de que modo a escola protagoniza a mediação da cultura e dos saberes populares na formação da criança.



2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: ORIGEM E EVOLUÇÃO

Para compreendermos a origem da educação infantil no Brasil faz-se necessário contextualizarmos as mudanças ocorridas com a vinda da Família Real e a nomeação de D. Pedro I como regente em 1822. O desenvolvimento econômico e a necessidade de qualificação dos operários promove uma ruptura com o ensino jesuítico colonial vigente e a emergência de novos espaços de educação e formação profissional.

Nesta época a burguesia buscava seu fortalecimento como classe incentivando os estudos de seus filhos desde muito cedo, assim temos datada a primeira escola de educação infantil particular em 1875 fundada por Menezes Vieira no Rio de Janeiro atendendo a alta aristocracia.

No que se refere a educação infantil pública sua origem se deu “como necessidade de assistência à família quando esta se torna nuclear e a mulher tem acesso ao trabalho fora de casa” como afirma Sacristán (1998.p. 164). Assim surge a primeira escola de educação infantil pública do país em São Paulo somente em 1896 oferecendo atendimento à crianças menores de 7 anos.

Como afirma Costa da Silva (2012) “A creche visava assistir a criança que ficava privada dos cuidados maternos devido ao trabalho da mãe, tendo como principal objetivo evitar o abandono das mesmas por seus responsáveis.”. Este caráter assistencialista foi decisivo na formação dos profissionais e na estrutura do atendimento às crianças da rede pública por quase um século.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 a finalidade da educação infantil pública passa a ser de complementar a ação da família e da comunidade, objetivando o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais abrindo caminho para as transformações necessárias no atendimento à crianças menores de 6 anos.

Cada sociedade, conforme sua história, organização de vida e convicções, propõe um modo das crianças viverem a infância. Por isso,



num tempo em que os pais trabalham, tem muitos afazeres e que as crianças ficam desde muito cedo e muitas horas na escola infantil, faz-se necessário que os professores e educadores tenham claro que é preciso propor um modo de viver o tempo da infância dentro desta instituição de Educação Infantil, de forma que se apresente o mundo aos pequenos e que estes possam fazer descobertas, aprender, desenvolver a criticidade, conviver, criar laços afetivos, sentir os cheiros, o colorido e o verdadeiro sentido da vida, tornando este tempo belo e feliz. E a partir daí, possam crescer e se tornarem adultos capazes de construir uma sociedade mais humana, justa e solidária. (SCHNEIDER; ALVES; OLIVEIRA, 2016, p.3)

Diante os avanços do conhecimento científico nas áreas da pedagogia, sociologia e biologia acompanhamos a evolução no pensamento acerca da infância e a valorização da criança como ser social desde seu primeiro momento de vida.

Como os mecanismos sociais tem apresentado relações cada vez mais complexas e o ser humano tem sofrido grandes transformações no seu modo de viver e aprender na era pós moderna a escola tem ganhado espaço e atenção. Freire (2008, p.65), na sua tese de doutorado, constatou que “A escola é a única instituição social que, pelo fator obrigatoriedade, dispõe de um público sempre presente”.

Assim uma escola de educação infantil hoje carrega algo muito mais essencial que medidas administrativas de políticas públicas ou o assistencialismo para os menos favorecidos de seu princípio histórico. Ela é o espaço do convívio social na construção de identidades que irão compor este tecido social num futuro muito próximo mantendo-o ou transformando-o.

2.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PRIMEIRO CONTATO COM O MEIO SOCIAL

A educação infantil como primeira etapa da educação básica representa a primeira experiência de socialização da criança fora do contexto familiar. A escola passa a ser um ambiente de experimentação e ampliação de

conhecimentos e habilidades a partir de aprendizagens como autonomia, comunicação e o respeito ao outro conforme expresso na Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2017).

A apropriação cultural na educação infantil acontece devido ao contato contínuo e por longos períodos no ambiente escolar. Assim, escola e família caracterizam a primeira “parceria social” na vida da criança fundamentando todo seu pensamento, modo de ser e agir em grupo e sua perspectiva para o futuro.

Os eixos estruturantes apontam o conviver, o brincar, o participar, o explorar, o expressar e o conhecer-se sendo este último de suma importância na fundamentação da presente pesquisa pois descreve o conhecer-se como construção da identidade pessoal, social e cultural da criança, “construindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário” (BNCC, 2017, p. 40).

Diante disso, a escola configura o espaço onde a rotina de cada criança será transformada pelo convívio social, tanto nas atividades primárias como alimentar-se e higienizar-se até o desenvolvimento de habilidades cognitivas de conceitos. E neste ponto os indicadores curriculares da prática pedagógica devem atender ao indivíduo de modo íntegro afim de atingir sua finalidade de origem.

Freire (2008, p. 11) compreende que a criança encorajada pelo ambiente escolar pode contribuir ainda mais com seu meio: “Este sujeito autônomo que age, cria, coopera e percebe que o outro tem um papel fundamental no seu conhecimento, sente-se fortalecido para expressar seus posicionamentos.” A criança que chega ao experimento deste processo vivenciando-o com seus colegas, sente-se parte de um todo com papel decisivo na manutenção das relações ali ocorrentes. Ainda que ela não consiga refletir sobre isso de forma profunda já se estabelecem conexões entre ela como indivíduo único e integrante de uma comunidade.

Os núcleos de educação infantil em consonância com os hábitos e costumes locais não somente reproduzindo-os, mas questionando-os, além de legitimarem o modo de vida daquele lugar específico, ainda garantem a perpetuação da cultura local e a valorização da cultura como identidade social.

Sua presença em comunidades tradicionais permite que, além da criança poder compreender com mais simplicidade informações primárias como o trajeto da sua casa à escola, ela ainda cria associações sobre conceitos mais complexos como localização geográfica, paisagens familiares, os saberes e fazeres ambientais e econômicos daqueles adultos que compõem sua comunidade e ali trabalham todos os dias.

O mundo que se revela ao ser humano se dá pelos discursos que ele assimila, formando seu repertório de vida. Pelo fato de a consciência ser determinada socialmente não se pode inferir que o ser humano seja meramente reprodutivo, o que se ressalta é, portanto, a criatividade do sujeito humano: ele é influenciado pelo meio, mas se volta sobre ele para transformá-lo. (FREIRE, 2008, p. 60)

Para Chervel (1988), a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa, e os resultados efetivos da ação da escola, os quais, no entanto, não estão inscritos nessa finalidade.

A escola pode contribuir seja na produção de novas culturas, seja no confronto de culturas já existentes, tendo assim uma maior possibilidade de propiciar condições de aprendizagem significativas a partir do que a criança traz da sua história pessoal.

Segundo Guerra e Weiler na pesquisa *O saber fazer de uma comunidade tradicional e a escola: possibilidades de diálogos* a falta de apropriação de atividades econômicas tradicionais de comunidades se dá por meio da pouca cobertura da escola no desenvolvimento das atividades pedagógicas do currículo escolar. Os autores apontam a descaracterização da identidade do local sendo gerada pela cultura da escola em abranger assuntos do macro com pouca atenção aos assuntos do micro:



Dessa forma, práticas que remontam a diferentes períodos da colonização da região, como a pesca artesanal da tainha, a produção de farinha de mandioca de maneira comunitária, a folia de Terno-de-Reis, a brincadeira de Boi-de-mamão, e o ofício das mulheres benzedadeiras, entre outras manifestações culturais encontradas na pequena vila de pescadores, têm se dissolvido ao longo dos anos e impossibilitado que as famílias nativas mantenham sua identidade cultural. (GUERRA; WEILER, 2015, p. 5)

Isto demonstra a importância da valorização da cultura local e a promoção de sua acessibilidade como prática pedagógica para todo e qualquer indivíduo em sua caminhada escolar, desde a educação infantil.

À medida que a escola permita-se ser unificada com a cultura local de onde está inserida ela será misturada pelos saberes populares legitimando a identidade daquele local e ainda tornando possível envolver os estudantes em suas realidades compreendendo-a e transformando-a.

Para além de apontarmos estratégias, ou de fazermos qualquer tipo de juízo de valor, concluímos que essa escola mostra-se potencialmente capaz de tornar-se referência a partir do momento que “se permitir ser atravessada” pelas histórias de vida e pelos fazeres e saberes que transbordam de sua comunidade de entorno. (GUERRA; WEILER, 2015, p.13)

Portanto é fundamental partirmos do entendimento de que a cultura local só encontra valorização nas novas gerações se for transmitida além do núcleo familiar. Ela precisa ser compartilhada em espaços sociais e quando mediada pelas escolas ganha posicionamento sócio crítico analisando o que formou as raízes, o que pode ser podado e o que deve ser semeado nas relações sociais.

2.3 A ESCOLA COMO ESPAÇO MEDIADOR DE CULTURA

A palavra cultura vem do conceito de cultivo trazendo a ideia de cultivar a terra, a natureza e os ciclos naturais do meio ambiente. Ou seja, muito mais atrelado ao conjunto de ações que visam preservar e aumentar a vida do que

simplesmente transferir o conhecimento. Conforme o dicionário Aurélio cultura significa:

Ato, arte, modo de cultivar. Lavoura. Conjunto das operações necessárias para que a terra produza. Vegetal cultivado. Meio de conservar, aumentar e utilizar certos produtos naturais. Aplicação do espírito a (determinado estudo ou trabalho intelectual). Instrução, saber, estudo. Apuro; perfeição; cuidado.

Até o século XX o termo cultura era compreendido popularmente como referente ao ato de acumular conhecimento. No entanto, com o desenvolvimento das mais diversas áreas sociais e a difusão da modernidade a cultura passa a traduzir o comportamento humano no convívio coletivo independente da classe social. Assim, passa a ser compreendida como os saberes e fazeres de uma comunidade, ou seja, toda experiência acumulada, mas também sobre uma perspectiva do futuro. Segundo Bruner (1988), citado por Gómez e Sacristán (1998, p.22) em Compreender e transformar o ensino cultura é o “Conhecimento do mundo implícito, mas apenas semiconectado, a partir do qual, mediante negociação, as pessoas alcançam modos de atuar satisfatórios em dados contextos”. Portanto, os costumes e comportamentos sociais só se legitimam cultura quando consentidos pelas gerações seguintes na sua reprodução.

No sentido antropológico a cultura compreende inclusive aquilo que é material, mas também imaterial expressando-se através da arte, da linguagem, das canções, da religiosidade, enfim tudo o que se relaciona aos atos diários daquela comunidade. “A cultura está recriando-se constantemente ao ser interpretada e renegociada por seus integrantes (...) é tanto um fórum para negociar e renegociar significados e explicar a ação como um conjunto de regras ou especificações a ação.” (BRUNER, 1988, p. 128).

A cultura ajuda a repensar a sociedade a fim de promover transformações benéficas para o desenvolvimento da vida coletiva e dos espaços que ela ocupa. Por meio de observações, comparações e diagnósticos a comunidade escolar tem a oportunidade de contribuir de forma muito mais significativa inspirando



uma sociedade de bem-estar, alegria e realização firmando valores que ainda hoje passam desvalorizados nas políticas públicas e nas convenções sociais arraigadas na cultura escolar.

Do ponto de vista democrático a cultura deve criar condições para que as diferentes formas de ver o mundo, de construir o mundo e de estar no mundo dos diferentes grupos humanos de uma sociedade possam coexistir de forma saudável. O direito à cultura garantido pela Constituição no capítulo III afirma que o estado deve oferecer acesso e usufruto a cultura do mesmo modo equiparar as possibilidades para as camadas menos favorecidas. “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 1988, art. 215. §1º).

No entanto, muitas escolas não são incentivadas e valorizadas neste conceito. As intervenções culturais das comunidades nas quais as escolas estão inseridas vem ganhando apoio de modo extremamente moroso, quando não veem seu trabalho interrompido por medidas administrativas da gestão pública.

Se este mesmo Estado também garante acesso à educação onde na Constituição de 1988 estes dois direitos encontram-se no mesmo capítulo III:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, Art.205)

Como desconsiderar a coesão entre estas duas esferas eximindo a participação e cooperação dos saberes e fazeres das comunidades tradicionais na construção da prática pedagógica das escolas?

Segundo Berstein (1987 apud GOMEZ; SACRISTÁN, 1998, p.25) a escola deve transformar-se numa comunidade de vida e, a educação deve ser concebida como uma contínua reconstrução da experiência. Comunidade de vida democrática e reconstrução da experiência baseadas no diálogo, na



comparação e no respeito real pelas diferenças individuais, sobre cuja aceitação pode se assentar um entendimento mútuo, o acordo e os projetos solidários. O que importa não é a uniformidade, mas o discurso. O interesse comum realmente substantivo e relevante somente é descoberto ou é criado na batalha política democrática e permanece ao mesmo tempo tão contestado como compartilhado.

O problema não é tanto como apropriar-se da cultura na escola, mas sim como construir a cultura da escola em virtude de sua função social e do significado que adquire como instituição dentro da comunidade social. O desafio maior da cultura é de criar arquiteturas de acessibilidade para que todos possam apropriar-se do processo cultural.

Neste sentido, o espaço escolar concentra a maior potencialidade de desenvolvimento sócio cultural. Através da valorização das práticas culturais locais e o incentivo de que estas práticas adentrem a rotina escolar se faz possível embasar a composição curricular de modo a atender a formação integral de crianças com identidade e pensamento sócio crítico.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 O Núcleo de Educação Infantil no processo de preservação da cultura local

Antes de tornar-se uma exigência da LDB ou da Secretaria Municipal de Educação o NEI Pântano já realizava planejamentos e passeios além dos muros da escola a partir dos costumes locais tanto quanto incluía as sugestões das famílias e das crianças em atividades curriculares. Mesmo ainda sendo objeto de estudos acadêmicos a sabedoria local tinha espaço na rotina da escola.

A escola se tornou o centro catalizador das histórias e memórias de uma comunidade tradicional de pescadores, eternizando sua cultura nas releituras dos costumes e brincadeiras típicas, consolidando seu processo sócio histórico com raízes. Eram passeios pelo bairro, nas casas dos alunos, na cachoeira, nas dunas, na praia, todos carregados de aprendizado.

É no grupo onde se sente valorizada e respeitada que a criança conseguirá expressar o que pensa e posicionar-se frente às situações. É imprescindível para o crescimento deste grupo que as pessoas que o integram estejam unidas em torno de um objetivo comum. A definição e a clareza desse objetivo é o que move o conjunto a concretizar seus desejos, seus projetos e anseios. Mas não basta apenas definir objetivos. É preciso decidir juntos qual o caminho a seguir para alcançar o que se propõe. (FREIRE, 2008, p. 41)

No Pântano do Sul a equipe escolar fundamentou seu trabalho no direito inerente da criança ao brincar relacionando esse brincar com a paisagem natural e social de seu entorno. As entrevistas feitas pelas crianças nas casas dos senhores e senhoras da comunidade eram sempre relacionadas às memórias e lembranças daqueles que um dia foram crianças e envelheceram ali.

Por meio de atividades e brincadeiras muito simples com pouquíssimos recursos as professoras incrementavam a rotina com muita criatividade. O grupo passavam por brincadeiras antigas e novas comparando as influências de cada

tempo e isso trazia ao olhar pedagógico maior dimensão do alcance da aprendizagem.

Os brinquedos eram investigados pelas crianças e confeccionados para representar o modo como seus pais e avós faziam utilizando recursos naturais disponíveis. Eram carrinhos feito com bambu e ferro de construção, latas de leite ou azeite, bonecas feitas com folhas de mamona, barquinhos de casca de marisco, pedaços de redes, e tudo mais que encontrassem pelo caminho.

Quando este brincar possui relação com o espaço, o tempo, a contextualização da brincadeira ganha possibilidades em concectar novos conhecimentos. Segundo Schineder, Alvez e Oliveira em Contribuições de Paulo Freire para o papel da escola de Educação Infantil na atualidade, os educadores não são os detentores dos saberes, também são aprendizes, precisando valorizar todo este meio cultural que envolvem as crianças, seus saberes prévios, reforçando assim a idéia de que se aprende na troca, troca de conhecimentos com as outras crianças, com os adultos, tornando assim no contexto escolar o protagonismo compartilhado. (2016, p. 7)

Isto significa que o educador que se permite deslocar-se da posição soberana de dententor do conhecimento, e permite-se arriscar o caminho do aprendiz cria relações com os alunos de partilha, de parceria porque ele se reconecta com a criança que foi um dia. Ao acessar essa emoção o professor se aproxima da linguagem do aluno e é capaz de lhe oferecer conhecimentos de encontro com o que esta criança traz consigo, seus saberes e suas conexões.

3.2 As contribuições da Educação Infantil no desenvolvimento das crianças

Diante os relatos dos entrevistados ficou evidente que a cultura da comunidade se fortaleceu por meio do trabalho da escola influenciando positivamente a formação da identidade das crianças. Quando a escola apoia a interatividade com seu meio social há um encorajamento para tecer suas

próprias percepções sobre o mundo, o tempo, a cidade, a natureza e tantos outros conceitos inerentes ao nosso desenvolvimento enquanto ser social.

Analisando como as crianças aprendem e se relacionam percebemos apontamentos da estrutura da escola e como se criam as relações entre o núcleo familiar e social da criança. Com a construção de uma prática pedagógica voltada para a valorização da cultura os alunos tem mais proximidade com o que vivem e conseguem tranquilamente estabelecer associações entre os temas trabalhados e o ambiente que lhe cerca. Como diz Sacristán e Gómez:

Os indivíduos [...] por um lado, organizam suas trocas e dão significados as suas experiências em virtude do marco cultural em que vivem, influenciados pela cultura. Por outro, os resultados de suas experiências mediatizadas oferecem novos termos que enriquecem e ampliam seu mundo de representação e experiências, modificando [...] o marco cultural que deve alojar os novos significados e comportamentos sociais. (1998, p. 61)

Ao acompanharem um lanço de tainha, atividade típica do local, as crianças de 3, 4 e 5 anos eram capazes de compreender o inverno e a “chegada do vento sul” tanto quanto quantidades de peixes, tamanhos, além de uma arte milenar que é cercar a malha de peixe com as canoas e as pessoas puxando juntas a rede na praia.

Ali eles acompanhavam a movimentação de todos os moradores que estavam no bairro correndo pelas ruas até a praia para ajudar. “As crianças, integrantes da comunidade, assumem algumas das questões que preocupam este grupo maior, refletindo e buscando soluções para elas. Cada criança sente o quanto é necessário, importante e prazeroso ser ativa, ser capaz de criar a história” (FREIRE, 2008, p. 42). Esta tradição carrega conceitos muito além de uma atividade econômica e mediar o acompanhamento de uma situação dessas com um grupo de crianças é algo que eleva a educação para outro patamar.

Conhecer seu bairro, as ruas da vizinhança, os pontos de referência, o clima, a posição do sol, da lua, as noites de maré cheia, a formação do solo, da



vegetação, as estações do ano e sua influência na vida da sua comunidade eram alguns dos caminhos mediados pelo NEI Pântano na sua rotina escolar.

Ao brincar em diferentes tempos e espaços, as crianças desenvolvem argumentos narrativos, passam a socializar e se tornam mais autônomos para tomar iniciativas. Começam neste contexto coletivo representar diferentes papéis, aprender a solucionar problemas, criam e recriam formas de expressar e conhecer as diversidades do mundo (SCHINEDER, ALVES, OLIVEIRA, 2016, p. 6)

Ao entrar em contato com espaços públicos onde as crianças visitam com suas famílias acompanhados do grupo da escola o processo de apropriação se faz naturalmente. As brincadeiras realizadas na praia ou nas dunas reuniam as condições ideais para a promoção de novos conceitos de forma lúdica. Sozinha a criança era capaz de perceber as conexões entre a escola e o mundo em que ela vive com seus familiares relacionando a forma com que as vivências se complementam ininterruptamente.

4 CONCLUSÕES

Ao estruturar-se uma comunidade exige um núcleo de educação infantil ainda que sublinaramente, pois a conjuntura da vida moderna faz com que famílias inteiras deixem suas casas vazias durante os dias para dedicar-se ao trabalho. Enquanto isso os pequenos atores do grande palco social são dirigidos a espaços de convívio coletivo e ali confrontam-se com novas formatações de regras e ritmos de rotina em seu dia a dia.

É por meio do espaço coletivo e do convívio diário que a escola caracteriza o coração da estrutura social. Para além de sua finalidade, seu modo de ser e fazer a rotina recria os mecanismos sociais vigentes, seja questionando-os ou apenas executando-os.

Essa perspectiva nos auxilia compreender como a função social da escola está atrelada à transmissão de culturas tanto quanto às transformações das mesmas. A composição da comunidade escolar e de sua metodologia se dá a partir da identidade de cada escola e isso complementarará a gestão e as práticas pedagógicas enquanto existir.

Neste sentido é importante reconhecermos como o NEI Pântano se tornou um catalizador das memórias e costumes de tantos personagens que viveram suas infâncias na comunidade do Pântano do Sul compondo a cultura local. Por meio da acolhida e da valorização da cultura local os profissionais da escola preservaram hábitos e costumes peculiares de uma pequena vila de pescadores na ilha de Florianópolis.

As escolas que se permitem atravessar pelos saberes populares tem o potencial de fundamentar a formação de seus alunos com coesão e finalidade muito mais conexas do que aquelas que se encerram em seus muros. Isto determinou as relações sociais estabelecidas entre escola e comunidade de modo que suas existências se influenciassem a medida que os anos se passaram. São sotaques, costumes e histórias que compõem a identidade de cada local e através do trabalho pedagógico do NEI Pântano houve a pesquisa e as visitas aos ciclos e ritos típicos do Pântano do Sul.



Quando a escola não cria parceiras com a comunidade há uma perda social de conexões de relações socioambientais que pode trazer sérias consequências às gerações futuras. Para além da valorização de hábitos essa parceria representa a aproximação da criança com o meio como espaço em que ela ocupa e que sua vida está inserida produzindo percepções e até projeções de como interagir com este meio de forma mais consciente.

A relação que as comunidades tradicionais possuem com o seu território é o que pode caracterizar o seu amplo conhecimento a respeito do mundo. Essas populações que, durante gerações, habitam o mesmo território criam uma relação tão estreita que permite aprender, conhecer, envolver-se e, posteriormente, passar adiante seus saberes (DIEGUES et al., 2000 apud GUERRA; WEILER, 2015, p. 7)

Lembrando que esta identidade não é algo recente, mas sim práticas centenárias de sobrevivência de todos aqueles que viveram naquele lugar compondo sua formação na mais íntegra finalidade. Trata-se da história, da origem do que hoje as crianças conhecem como comunidade. Negar as origens é fragilizar a construção da auto imagem que criamos sobre nós mesmos, é desconectar as conexões que se fizeram para que aqui estivessemos.

A atmosfera acolhedora do NEI Pântano faz muitos olhares ainda se encherem de lágrimas porque a amizade que se construiu foi unida pela intenção em promover o respeito à infância, os cuidados com o meio ambiente e a preservação dos hábitos e costumes locais. A afinidade da equipe foi evidenciada pelos relatos saudosos de cada uma que ali deixou um pouco do seu trabalho tanto quanto daqueles que por ali passaram.

Estiveram unidos na prática pedagógica as normas e regulamentações da legislação tanto quanto a valorização da criança e da infância como eixos estruturantes da escola e isso deixou saudades. Foi através desta união que por 31 anos o núcleo conseguiu se fazer como um espaço de encontros onde todos eram bem vindos.



A confiança e o afeto aliados aos estudos e pesquisas das professoras fizeram com que a escola ganhasse caráter integral em sua função social. Inclusive isto resultou na mobilização da comunidade diante sua interdição em 2017 e o sucesso no requerimento de uma reforma da unidade para reabertura em 2020 ampliando o antedimento para 65 crianças.

Criar laços entre a comunidade escolar não é um trabalho fácil, trata-se de mediar diferentes formas de ser e estar no mundo de adultos e crianças num processo contínuo e ininterrupto. Por certo haverão sempre entraves na condução desta partilha, mas ela se faz cada vez mais urgente mediante a atual conjuntura social que vivemos.

Tendo como objetivos específicos compreender a educação infantil como cenário mediador de cultura e a relação da escola com a comunidade e com a cultura local identificou-se uma ruptura no vínculo social entre comunidade e escola indicando que os efeitos à cultura local, apesar de interrompidos nestes dois anos de interdição, serão reestruturados quando o núcleo for reaberto.

Sobre os impactos à formação da identidade das crianças entende-se que cultura, escola e comunidade são eixos de uma mesma base: a formação social da criança. Assim diagnosticou-se uma escola com identidade e de valor único na história dos entrevistados, muitos que estudaram e tiveram seus filhos estudando no mesmo local. Herdando histórias e memórias de intimidade e pertencimento tão raras num mundo globalizado.



REFERÊNCIAS

AURELIO. Mini dicionário da língua portuguesa. 4ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora, 2002.

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Brasília: MEC 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acessado em 22 de agosto de 2019.”

BRASIL [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 15 abr. 2019

FREIRE, Eliane Fazolo; *Pelas telas de um aramado: educação infantil, cultura e cidade*. 2008, 186 p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp076298.pdf> Acessado em 07/09/18

FREITAS, Maria Teresa de A. A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **SciELO**. Faculdade de Juiz de Fora, Minas Gerais. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002 Acessado em 05/05/2019.

GOMEZ, A. I. Pérez; SACRISTÁN, J. Gimeno. **Compreender e Transformar o Ensino**. Tradução de Ernani F. da Fonseca Rosa. São Paulo: Artmed, 1998.

GUERRA, Antonio F. S., WEILER, Jaqueline M. A. **O saber fazer de uma comunidade tradicional e a escola: possibilidades de diálogos**. 2015. UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT22-3840.pdf> Acesso em 20/01/2019.



SCHNEIDER, Eliane M.; ALVES, Julia E.; OLIVEIRA, Sandra G. A escola infantil como espaço e tempo de humanização e infância na perspectiva de Paulo Freire. XVIII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Fronteiras Freireanas: Diálogos e Trajetórias. 20 e 21 de maio de 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/qtopi/Downloads/229-494-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/qtopi/Downloads/229-494-1-PB%20(1).pdf) Acessado em 10 de outubro de 2019.

SILVA, Alexandre Costa da. A origem da Educação Infantil no Brasil. WebArtigos. 19 de junho de 2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-origem-da-educacao-infantil-no-brasil/91067> Acessado em 15 de outubro de 2019.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. *Educ. rev.* [online]. 2006, n.28, pp.201-216. ISSN 0104-4060. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000200013>. Acesso em 05/09/18.